

## ARGUMENTAÇÃO E PERSUASÃO NA OBRA DE AUTOAJUDA *POR QUE OS HOMENS SE CASAM COM AS MULHERES PODEROSAS?*

### ARGUMENTATION AND PERSUASION IN THE SELF-HELP BOOK *WHY MEN MARRY BITCHES?*

Allana Mátar de Figueiredo<sup>1</sup>

Tânia Maria de Oliveira Gomes<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste trabalho, pretende-se efetuar uma breve análise argumentativa de alguns trechos da obra de autoajuda feminina *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas? Um guia para solteiras ou casadas deixarem os homens a seus pés* (ARGOV, 2010). Filiando a argumentação a uma problemática retórico-discursiva da influência, conforme algumas propostas de Charaudeau (2008), e utilizando contribuições da *Lógica Natural* de Grize (2004) e Vignaux (1988, 2004), procuramos identificar as variadas estratégias do projeto argumentativo da autora. Esta, por meio da voz de uma enunciadora, parece ter o intuito de convencer sua destinatária a adotar os comportamentos e falas prescritos na obra, para que, finalmente, a leitora atinja o pretense sucesso em suas relações afetivas. Dentre as estratégias analisadas, pretende-se mostrar que Argov se serve da construção de imagens estereotipadas e homogeneizadoras da figura feminina, utilizando, para tal, determinadas representações e esquematizações sustentadas em escolhas linguísticas. Tais imagens associam as mulheres à passionalidade extrema, ao descontrole emocional, e se opõem à racionalidade e ao equilíbrio, características atreladas à figura masculina segundo o ponto de vista perceptível na obra, o que acaba por reforçar uma histórica dicotomia emoção versus razão, em detrimento do primeiro componente.

**Palavras-chave:** Argumentação; Feminino; Emoção.

**Abstract:** In this paper, we intend to make a brief argumentative analysis of some of the excerpts from Argov's (2010) self-help book *Why Men Marry Bitches? A Woman's Guide to Winning Her Man's Heart*. Looking at her argumentation from a rhetorical-discourse influence standpoint as proposed by Charaudeau (2008), and also taking from Grize's *Natural Logic* (2004) and Vignaux (1988, 2004), we sought to identify the various argumentative speech strategies of the author. Speaking out through her female character, the author seems to intend to move the reader towards adopting both the behavior and speech prescribed in her book, so that, eventually, they would reach the intended success in their romantic relationships. Among the strategies analyzed, we shall discuss that Argov makes use of homogenizing and stereotypical images of the female figure, using certain representations and schematics which are sustained by linguistic choices. Such images associate women with being extremely passionate and lacking emotional control and are opposed to rationality and balance, traits that characterize male personalities according to the book, ultimately reinforcing the historical dichotomy emotion versus reason in which the first component shows a certain disadvantage.

**Key words:** Argumentation; Women; Emotion.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Brasil, e-mail: [allana.matar@gmail.com](mailto:allana.matar@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Belo Horizonte, Brasil, e-mail: [tantan.maria@yahoo.com.br](mailto:tantan.maria@yahoo.com.br)

## 1 Introdução

[...] nenhuma teoria da argumentação pode abarcar todas as significações e associações semânticas e estereotipadas em relação ao termo argumentação. (PLANTIN *apud* LIMA, 2006, p. 86).

As diversas teorias sobre argumentação, tratadas recorrentemente, na atualidade, de forma paralela à Análise do Discurso – como aqui será feito –, têm sua origem bem anterior a esta disciplina. Para Wander Emediato (2011, p. 3-4), é possível situar o problema da argumentação, contemporaneamente, em três grandes abordagens: a retórica da argumentação, a argumentação como atividade do pensamento e a argumentação como atividade da língua. Ainda segundo Emediato, essas três abordagens teóricas, apesar de serem integradas na argumentação cotidiana, geralmente se excluem umas às outras em suas análises, pois cada uma delas adota seus conceitos, seus métodos e seus objetos próprios:

[...] le raisonnement logique et les syllogismes, dans l’approche fondée sur la problématique de la pensée; les segments de la langue et leur orientation argumentative, dans l’approche fondée sur une problématique linguistique; les discours sociaux et leurs rapports d’influence dans l’approche rhétorique, qui reste d’ailleurs la plus ouverte et la plus diversifiée, aussi bien conceptuellement qu’au niveau de ses objets d’analyse (EMEDIATO, 2011, p. 4)<sup>3</sup>.

Neste artigo, optaremos por privilegiar a abordagem retórico-discursiva citada por Emediato, por acreditar que ela é a mais adequada para efetuar uma breve análise argumentativa do *corpus* escolhido por nós: a obra *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?* Um guia para solteiras ou casadas deixarem os homens a seus pés (ARGOV, 2010). Seu título original é *Why men marry bitches: a woman’s guide to winning her man’s heart* e é um recente *best seller* de autoajuda destinado ao público feminino adulto, escrito pela norte-americana Sherry Argov. Esse livro pretende servir como um roteiro de comportamentos e falas a serem seguidos pela mulher a fim de convencer seu parceiro a casar-se com ela, devido à sua postura confiante e “controlada”. Enquadrando-se em um filão literário de não-ficção que vem crescendo exponencialmente nos últimos anos – o gênero

---

<sup>3</sup>Tradução livre das autoras: “[...] o raciocínio lógico e os silogismos, na abordagem fundada sobre a problemática do pensamento; os segmentos da língua e sua orientação argumentativa, na abordagem fundada sobre uma problemática linguística; os discursos sociais e suas relações de influência na abordagem retórica, que é também a mais aberta e a mais diversificada, tanto conceitualmente quanto no nível de seus objetos de análise”.

autoajuda –, a obra de Argov se assemelha a muitos títulos disponíveis no mercado e dirigidos ao público feminino que se autointitulam, popularmente, “manuais de comportamento das relações homem-mulher”.

O que fez com que essa obra de Argov, *Por que os homens amam as mulheres poderosas?*, fosse escolhida como objeto de estudo deste artigo é o fato de que a autora traça em suas páginas um curioso percurso argumentativo/persuasivo para provar à mulher que a lê que a forma tipicamente feminina de agir seguida por esta – vista como insegura, emocional, passional ao extremo (e, por isso, descontrolada e distanciada de raciocínios ponderados) – é a razão de nenhum homem pedi-la em casamento. Assim, seria a construção de um comportamento dito “racional” e “controlado” pela mulher, próximo daquele que seria comum ao indivíduo masculino e prezado por ele, que levaria o homem a valorizá-la e, finalmente, a oficializar o pedido da união.

A abordagem retórico-discursiva da argumentação nos pareceu a mais adequada à análise que empreenderemos, já que o projeto argumentativo de Argov pode ser entendido por meio de alguns pressupostos e noções herdadas da retórica clássica e dos estudos discursivos contemporâneos. A ideia de que a autora do *best seller*, a nosso ver, tem a intenção clara de persuadir seu público-alvo, de influenciá-lo em suas ações e comportamentos, só nos parece possível de ser comprovada por meio de uma análise que não pode ignorar os lugares de fala dos sujeitos envolvidos nesse processo, assim como a situação ampla de comunicação em que eles se inserem.

De forma específica, utilizaremos, neste artigo, para embasar nossa análise, os conceitos de *ethos*, *pathos* e *logos* (as três provas retóricas inerentes ao discurso), em sua concepção clássica e em uma de suas releituras contemporâneas pela Análise do Discurso, assim como contribuições sociocognitivas da Lógica Natural, a exemplo da noção de *éclairage*. Nesse percurso, valeremo-nos de autores como Patrick Charaudeau, Jean-Blaise Grize e Georges Vignaux, que podem ser filiados, de certa maneira, a essa problemática da argumentação. Para Lima (2006, p. 85), muitos teóricos têm tentado “[...] empreender uma análise do discurso argumentativo, aliando as contribuições da retórica às da Análise do Discurso”, e é nessa tentativa que o presente artigo se insere, ainda que de forma bastante breve e incipiente.

## 2 Uma breve análise argumentativa de *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?*

### 2.1 A construção da mulher “poderosa” como um projeto de influência

Patrick Charaudeau, em seu artigo *L’argumentation dans une problématique d’influence*(2008), filia a Análise do Discurso à tradição retórica da argumentação ao inserir esta atividade em uma problemática da influência, já que, segundo ele,

Toujours est-il que l’analyse du discours n’a pas à se donner pour objet la découverte de la Vérité, mais la découverte des jeux de mise en scène de la vérité comme “croire” et “faire croire”. C’est que j’appelle une problématique de l’influence (CHARAUDEAU, 2008, p. 3)<sup>4</sup>.

Para entender quais processos languageiros participam desse ato de influência e captar o ponto de vista amplo do sujeito do discurso, Charaudeau aponta que é preciso considerar alguns problemas, tais como os quatro seguintes (2008,p. 3): como é possível fazero contato com o outro, convencê-lo a entrar em um ritual de troca languageira, instaurar posições de superioridade/inferioridade entre si? Qual (quais) imagem (imagens) o sujeito falante deve construir frente ao outro, a fim de fazer este se identificar com ele? Como tocar o outro, como fazê-lo se emocionar por meio de certas estratégias discursivas e movê-lo em determinada direção? Como ordenar e estruturar o seu dizer de forma com que este fique a serviço do processo de influência do outro?

Essas quatro perguntas respectivamente nos conduzem, segundo o autor, a quatro processos (2008, p. 5) dos quais depende a problemática da influência: o processo da *regulação* (que envolve a instauração de um contato), o da *identificação* (que está ligado ao *ethos* retórico, à construção de imagens dos sujeitos que sirvam a seus projetos de fala), o da *dramatização* (vinculado ao *pathos* retórico, à mobilização das emoções com fins persuasivos) e o da *racionalização* (referente à prova retórica do *logos*, vista como a forma lógica do discurso argumentativo em si, materializável prioritariamente nos modos de organização do discurso argumentativo e narrativo, segundo CHARAUDEAU).

Segundo o próprio autor, cada um desses processos pode ser tomado e analisado em suas peculiaridades, o que auxilia o analista do discurso:

---

<sup>4</sup> Tradução livre das autoras: “O fato é que a análise do discurso não pretende dar por objeto a descoberta da Verdade, mas a descoberta dos jogos de encenação da verdade, como “crer” e “fazer crer”. Isso é o que eu chamo de uma problemática da influência”.

Chacun de ces processus fait l'objet d'une mise en scène qui obéit à une certaine mécanique et a recours à certains procédés que l'on peut décrire et catégoriser: mise en scène et catégories des rituels de prise de contact; mise en scène et catégories de l'*ethos*; procédés des stratégies du *pathos*; mécanique et catégories de la mise en scène narrative et argumentative. (CHARAUDEAU, 2008, p. 4, grifos do autor)<sup>5</sup>.

Sob essa ótica, para entender a problemática da influência proposta pela teórico, é preciso se recorrer a pressupostos básicos da Análise do Discurso: todo ato de linguagem se produz em uma situação de comunicação específica, com um determinado contrato que rege sua produção e interpretação pelos sujeitos que se envolvem na troca linguageira, e o objetivo de influenciar o outro abrangeria todos esses processos, manejados conscientemente ou não pelos sujeitos.

Ainda para Charaudeau (2008, p. 6), é a situação de comunicação que dá força de validade ao ato argumentativo. O estudioso pontua que a atividade discursiva da argumentação se situa em um tripé (2008, p. 6-9). O sujeito argumentante deve fazer saber ao outro (seja este um interlocutor ou um auditório múltiplo): (1) de que ele trata, qual é o domínio temático e o quadro de questionamento em que insere sua fala (problematizar); (2) que posição ele adota frente àquele quadro de questionamento (posicionar-se); (3) qual é a força de sua argumentação, usando operações de raciocínio lógico e utilizando os melhores saberes de crença e conhecimento (provar).

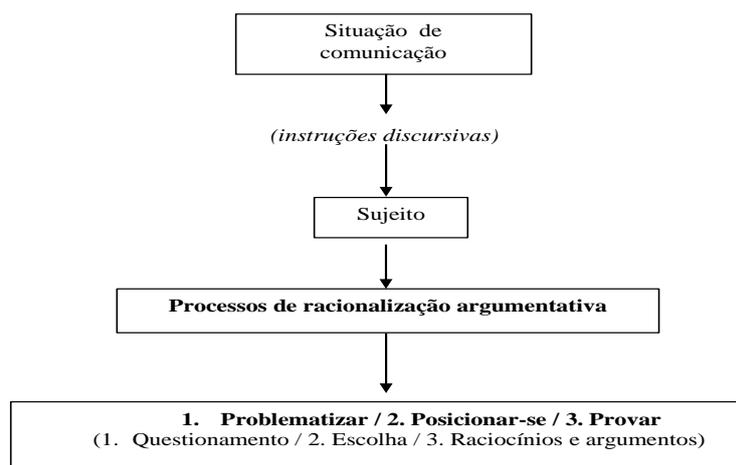


Figura 1: Tripé da atividade discursiva da argumentação.<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Tradução livre das autoras: “Cada um desses processos faz-se objeto de uma encenação que obedece a uma certa mecânica e recorre a certos procedimentos que se pode descrever e categorizar: encenação e categorias de rituais de tomada de contato; encenação e categorias do *ethos*; procedimentos de estratégias do *pathos*; mecânica e categorias da encenação narrativa e argumentativa”.

<sup>6</sup> Adaptada e traduzida de Charaudeau (2008, p. 7).

A obra aqui escolhida para análise, *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas* (ARGOV, 2010), parece, a nosso ver, passível de ser entendida a partir dessa construção teórica de Charaudeau. O que é notório, ao primeiro olhar, é a clara intenção de influência que se exerce sobre o leitor: todo o livro direciona-se claramente para convencer a provável mulher que o lê de que seus relacionamentos amorosos não são bem-sucedidos graças à sua postura “boazinha”, inadequada, associada diretamente à passionalidade, ao demonstrar suas emoções por meio de falas e comportamentos, ao seu “desequilíbrio”, enfim (todas essas características vistas como tipicamente femininas). O sujeito enunciador ativado por Sherry Argov visa a *fazer crer* que somente a mulher que assumir a postura indicada em seu livro se tornará efetivamente “poderosa”<sup>7</sup>, tendo, então, suas chances de ser pedida em casamento notoriamente aumentadas. Essa mulher “poderosa”, de maneira geral, é associada a comportamentos de racionalidade, contenção, equilíbrio, autoconfiança, sensatez e até mesmo de silêncio (segundo a autora, características próprias da maioria dos homens e prezadas por eles em uma mulher, já que poucos indivíduos do sexo feminino seriam assim). Dessa maneira, Argov visa também a *fazer fazer* com que a leitora aja de determinada maneira, a fim de sentir a mudança em suas relações afetivas, o que, provavelmente, irá conduzi-la ao altar e pode levá-la a comprar outras obras de autoajuda da mesma autora.

Ao ler toda a obra, é possível perceber que Sherry Argov a estrutura conforme o tripé argumentativo proposto por Charaudeau. Já na introdução, Argov *problematiza* a questão que guiará seu livro:

[Esta obra] **não é mais um daqueles livros sobre “como arrumar marido”**. [...] Ao contrário. **Este livro está aqui para desafiar as convenções**, ampliar sua compreensão a respeito de por que alguns relacionamentos não progridem e propõe modernizar a maneira como você acha que um homem *escolhe* sua companheira. [...] Nos capítulos que você está prestes a ler, aprenderá a modificar sua abordagem. Vai compreender por que ele tem de ficar se perguntando por que você não age como se estivesse desesperada para se casar como todas as outras mulheres que conhece (ARGOV, 2010, p. 17-19, grifos nossos, itálico do autor).

O processo de *regulação*, de instauração de um contato com o público-leitor, começa a ser feito já nesse momento de problematização/posicionamento. Ao homogeneizar grande

---

<sup>7</sup> Neste momento, propomos pensar brevemente no nome original da obra: *Why men marry bitches: a woman's guide to winning her man's heart*. A escolha do vocábulo “bitches” (em inglês, traduzido literalmente como “cadelas”, mas termo gíriático que pode assumir várias outras significações contextuais e culturais) para retratar o perfil de mulher defendido pela autora, assim como a opção de traduzir “bitches” por “poderosas”, pode conduzir a interessantes reflexões que, por questões de extensão, não poderão ser desenvolvidas aqui.

parte dos problemas afetivos femininos, situando-os nessa esfera “mulheres boazinhas: as fracassadas” *versus* “mulheres poderosas: as bem-sucedidas”, a autora procura engajar grande parte de seu público-alvo a seu projeto argumentativo: se a leitora está sozinha e não consegue fazer evoluir uma relação, ela provavelmente é uma “boazinha” que precisa mudar de rumo, precisa adotar as estratégias de uma “poderosa”, precisa ler o livro e entendê-lo como uma voz aconselhadora sensata.

Além disso, para, já de início, regular um contato mais forte com suas possíveis leitoras, Argov instaura para sua voz enunciativa um papel de superioridade, de autoridade no assunto, frente a seu público:

O material dos meus livros advém menos da minha opinião e mais das informações que reuni em centenas de horas de entrevistas com homens que se sentaram e conversaram abertamente comigo. Eles me apresentaram sua perspectiva em relação às **informações que em geral estão reservadas apenas ao sexo masculino**, a respeito do que realmente faz um homem se apaixonar e fazer um pedido de casamento. **Para mim, a precisão é tão importante** que cheguei a reler o material para os homens antes de o livro ser impresso, para garantir que o texto refletisse fielmente a maneira como se sentem (ARGOV, 2010, p. 20, grifos nossos).

Nesse trecho, é importante que vários aspectos sejam percebidos, não só relativos à suposta “metodologia científica” de Sherry, como também ao estabelecimento de seu lugar de fala. A partir dessa citação e da leitura de todo o livro, percebemos que a autora busca trazer credibilidade, veracidade a seu discurso, atribuindo-o, em grande parte, à voz dos homens que entrevistou. Nesse sentido, a leitora teria, naquelas páginas escritas por Sherry, não o que ela, como uma mulher comum, pensaria dos homens, mas o que eles mesmos pensariam delas<sup>8</sup>. No decorrer do livro, todavia, percebe-se que esse pretense “método científico” de Argov parece bastante inconsistente: veja-se que ela, por exemplo, não detalha verdadeiramente, em momento algum, quais teriam sido as condições de recolhimento desses dados, mas apenas cita algumas falas soltas de homens, entre aspas. Sobre os entrevistados, unicamente diz que eles pertenciam “a todas as camadas sociais, todas as nacionalidades e todas as idades. Alguns eram casados; outros, solteiros” (ARGOV, 2010, p. 204)<sup>9</sup>. Apesar de claramente falha, essa

---

<sup>8</sup> Veja-se o título do capítulo 7: “Invadindo o Clube do Bolinha – segredos roubados: todas as informações altamente sigilosas que os homens só compartilham com outros homens”.

<sup>9</sup> Em certos momentos, a autora até mesmo ridiculariza os entrevistados, humilhando a figura masculina de forma grosseira e nada inocente (o que, segundo ela, faz parte de seu discurso bem-humorado): “Nós, aqui do QG das Mulheres Poderosas, não acreditamos em testes com animais. Portanto, [durante as entrevistas] nenhum homem foi prejudicado *fisicamente*. (Não posso fazer comentários a respeito de seu estado mental atual)” (ARGOV, 2010, p. 203).

“metodologia” nos parece traduzir uma estratégia bastante perspicaz da autora: todas as vezes em que ela emitir opiniões em seu livro, por exemplo a respeito da postura “irracional” e “emotiva” das mulheres em contraposição à “racionalidade” e “controle” masculinos, reproduzindo o ideário do senso comum, o leitor pode ser levado a acreditar que Sherry simplesmente serve como porta-voz do pensamento masculino (a opinião que realmente importa para a leitora), mas não necessariamente atribui a ela a autoria daquele discurso. Por meio desse discurso pretensamente científico e distanciado, Sherry já claramente desenvolve o processo de *identificação* descrito por Charaudeau, através da construção de um *ethos* de credibilidade e de distanciamento, de uma imagem mais confiável para si<sup>10</sup>, que será crível para a leitora.

Ainda a respeito do processo de identificação, de construção de imagens, acreditamos que boa parte da etapa da *prova* apontada por Charaudeau (ou seja, das estratégias apresentadas por Argov para o convencimento de sua leitora acerca do projeto mulher “poderosa”) situa-se nessa esfera. Passemos agora a alguns trechos em que a imagem da mulher “não-poderosa” é descrita. No primeiro deles, reproduzido a seguir, Argov mais uma vez resguarda seu ponto de vista por trás das supostas opiniões masculinas colhidas por ela:

Se você fosse uma mosquinha escutando a conversa de um grupo de homens, não seria incomum ouvi-los debater como os homens são “racionais” e as mulheres são **canhões sem controle emocional**. [...] “Penso em um homem. Daí, tiro toda a razão e a responsabilidade por seus atos.” É assim que muitos homens enxergam as mulheres. [...] **Se você bater os pés, esguichar lágrimas pela casa toda e começar a soltar berros tão estridentes que seriam capazes de paralisar um rinoceronte em ataque, ele saberá que tem plenos poderes sobre você** (ARGOV, 2010, p. 120). [grifos nossos, itálico do autor]

Nessa fala, de maneira claramente caricata, Sherry constrói uma imagem de que seria uma mulher típica, dita emotiva: ela é a descontrolada, que bate os pés, esguicha lágrimas e “solta berros tão estridentes que seriam capazes de paralisar um rinoceronte em ataque”. Além

---

<sup>10</sup>Tal construção de uma imagem de autoridade é importante, inclusive, porque a autora, aparentemente, não possui nenhuma formação acadêmica ou prática divulgada na área. Para a confecção deste artigo (que é parte das pesquisas de Mestrado de uma das autoras), realizou-se uma busca cuidadosa na internet e nas editoras em que os livros de Argov foram publicados a fim de descobrir algo mais acerca dessa autora. A única informação biográfica disponível, entretanto, é a que já é apresentada na orelha do livro: Sherry já escreveu textos para diversos jornais e revistas de prestígio em língua inglesa e publicou seus livros em mais de trinta idiomas. Mais que isso, entretanto, por ora, não foi possível saber sobre ela: qual sua formação ou com que trabalhava. Incrivelmente, o perfil da autora, inclusive em seu site pessoal ([www.sherryargov.com](http://www.sherryargov.com)), parece ser mantido em cuidadoso resguardo. Até mesmo os vídeos de programas em que ela aparece não destacam sua figura pessoal, mas o conteúdo de seus livros, o que parece proposital.

disso, já é anunciada, nesse trecho da obra, uma premissa que marcará inúmeras colocações da autora durante todo o livro: a mulher que “reage de maneira emocional”(a grande maioria delas), independentemente da intensidade dessa “reação”, é vista de maneira inferiorizada na relação a dois. A mulher “boazinha”, instável, emotiva, nesse caso, faria com que o homem tivesse “plenos poderes” sobre ela, seria diminuída no jogo amoroso (ou, de maneira mais ampla, no jogo social), não seria respeitada ou ouvida, estaria à mercê de seu companheiro, pois não seria digna de ser levada a sério. Por meio da descrição dessas imagens femininas estereotipadas socialmente, portanto, Argov *argumenta*, direta ou indiretamente, que tais perfis de mulheres “não-poderosas” não alcançam o sucesso amoroso, porque somente “[...] a mulher forte conquista o coração masculino” (subtítulo do capítulo 1). Assim, é preciso que ela “Conquiste o controle de suas emoções” (título do capítulo 5), modifique suas falas e comportamentos. O trecho a seguir também reitera o peso negativo desse perfil feminino descrito:

Ouçõ os homens dizerem com frequência que todas as mulheres são loucas ou emocionalmente instáveis. Alguns até as dividem em categorias. De acordo com a visão deles, as mulheres variam de *levemente* irracionais a totalmente psicóticas. [...] **Quando uma mulher consegue rir de si mesma, não leva tudo para o lado pessoal e controla as próprias emoções, ela parece mais “estável”, segura e confiável. Assim, o homem acha que há uma chance maior de tudo dar certo no relacionamento** (ARGOV, 2010, p. 152-153) [grifo nosso, itálico do autor].

É interessante observar, inclusive, que o último trecho reproduzido, ainda que de maneira rasteira e extremamente simplificada, exemplifica o processo de *racionalização*, sugerido por Charaudeau, na obra de Argov. A tentativa de estruturar uma lógica argumentativa dedutiva, própria do *logos*, é frequente em toda a obra como meio de prova às posições da autora. Segundo o próprio Charaudeau (2008, p. 11), “Le raisonnement par déduction concerne les types de liens de causalité que peuvent être établis entre une assertion et sa cause ou une assertion et sa conséquence”<sup>11</sup>. Assim, segundo a voz enunciativa de Argov, se a mulher controla as próprias emoções, *por consequência*, parece mais “estável”, segura e confiável, e, *por consequência*, o homem acharia que já há uma chance maior de tudo dar certo no relacionamento.

Vejamos mais alguns exemplos dessa tentativa de argumentação racionalizante:

---

<sup>11</sup>Tradução livre das autoras: “O raciocínio por dedução concerne aos tipos de ligações de causalidade que podem ser estabelecidos entre uma asserção e sua causa ou uma asserção e sua consequência”.

FÓRMULA PARA O FRACASSO:

**Falta de controle emocional = Desespero para manter o relacionamento = Moleza para ele**

FÓRMULA PARA O SUCESSO:

**Autocontrole emocional = Controle sobre como ele a trata e controle sobre se você é respeitada. [...]** (ARGOV, 2010, p. 157) [grifos nossos].

**Quanto mais controle você tiver sobre si mesma, mais domínio terá sobre o coração dele. [...]** (ARGOV, 2010, p. 220, grifo nosso).

No caso desses dois últimos trechos, podemos perceber o estabelecimento de um aparente raciocínio por cálculo, o qual, segundo Charaudeau (2008, p. 11), “consiste à s'appuyer sur une opération plus ou moins mathématique [...]”<sup>12</sup>, seja ele próximo das ideias de igualdade, de interpolação recíproca, de transitividade ou de proporcionalidade. No primeiro deles, em que são apontadas, de maneira bastante simplista, as fórmulas para o fracasso e para o sucesso afetivo, além da lógica dedutiva já citada, é perceptível também uma lógica de igualdade (*se há falta de controle emocional, há também, sempre, desespero para manter o relacionamento, o que provoca certa situação de conforto para o homem; por outro lado, se há autocontrole emocional, sempre haverá também controle sobre a maneira como se trata e como se é tratado*). No caso do segundo deles, tem-se uma lógica clara de proporcionalidade: *quanto mais controle a mulher tem sobre si, mais dominará o coração do homem*.

O processo da *dramatização*, que envolve a instância do *pathos*, da mobilização das emoções com fins persuasivos, também pode ser amplamente analisado dentro da obra. Em primeiro lugar, alinhando-se ao ponto de vista que vinha defendendo, segundo Sherry, como os homens acreditam ser donos das opiniões e falas racionais de uma relação (ARGOV, 2010, p. 149), é preciso que as mulheres entrem em seu jogo e não somente *ajam* de maneira não-emocional, como também utilizem uma *linguagem* pretensamente “objetiva, fria e calculista” ao falar com eles. Dessa maneira, a mulher “poderosa” apagaria de sua fala qualquer marca passional e impressionaria o homem com um linguajar próximo ao dele, sem os ditos “descontroles” ou referências a sentimentos, mostrando que “tem cérebro” e conversa sobre “coisas importantes”. A manifestação de posturas ditas racionais e de uma linguagem pretensamente racional seria, para Argov, o suficiente para a mulher ser valorizada e respeitada pelo homem.

---

<sup>12</sup>Tradução livre das autoras: “[...] consiste em se apoiar sobre uma operação mais ou menos matemática [...]”.

Para um homem, é totalmente inadequado agir de maneira emocional quando conversa sobre coisas importantes. Se você falar com calma, ele vai partir do princípio de que o assunto é muito mais importante. [...] Portanto, se você quiser que ele escute, terá de ser bem fria e calculista. [...] **O lutador campeão não perde tempo com uma peso-leve agitada que dá golpes que não machucam nem um pouco** (ARGOV, 2010, p. 137) [ grifo nosso].

Como o lutador campeão (no caso, o “homem racional”) não perde tempo com “uma peso-leve agitada que dá golpes que não machucam nem um pouco” (ou seja, a mulher que demonstra emoções em suas falas e comportamentos), o projeto argumentativo de Argov defende que, se a mulher pretende conquistar o homem e decidir o rumo da relação, é também preciso agir como ele, de forma “racional e lógica”, ao menos aparentemente. Nesse ponto, é interessante observar como as ideias de Argov reiteram o primado secular da razão sobre as emoções, como se estas últimas não pudessem estar vinculadas a falas e comportamentos sensatos e persuasivos.

Apesar de pregar essa postura, de certo modo, estoica às “poderosas”, Argov todo o tempo utiliza-se de um discurso claramente patêmico para mobilizar as emoções de sua leitora, reforçando o processo de dramatização e, indiretamente, argumentando a favor de seus pontos de vista. Vejam-se os seguintes trechos, a título de exemplificação:

Então, **pare de olhar para tudo como se você vivesse em um mundo cor-de-rosa!** (ARGOV, 2010, p. 21, grifo nosso).

Às vezes, leva alguns minutos para que ele ligue. Outras vezes, semanas ou meses. Se ele estiver apaixonado por você, vai se ligar. E, se não ligar, *you would have wasted your time during five or ten years* e acabaria da mesma maneira. *Então, você não perdeu nada.* (ARGOV, 2010, p. 243, itálicos do autor).

Sempre que você achar que está sendo arrastada para algum joguinho sórdido, lembre-se do seguinte ditado: “Nunca entre em uma luta corporal com um porco. Se você agir assim, os dois sairão sujos. Mas a diferença é que *o porco vai adorar.*”. (ARGOV, 2010, p. 139, itálico do autor).

No primeiro trecho, a autora, já na introdução do livro, parece querer conferir um “choque de realidade” à leitora, ordenando à mulher “boazinha”, de forma severa, que esta pare de viver em “um mundo cor-de-rosa”. No segundo trecho, o próprio itálico imprimido por Argov destaca o consolo emocional dado pela autora à sua leitora: se esta seguir todos os conselhos dados pelo livro e, mesmo assim, o homem não procurá-la em definitivo, ela deve

se conscientizar de que não teria perdido nada e deve se sentir aliviada porque teria gastado seu tempo durante cinco ou dez anos sendo “enrolada” por ele. Já no terceiro trecho, por meio de um ditado popular um tanto quanto exótico, Argov postula que, quando o homem tenta manipular a mulher (quando ela está sendo “arrastada para algum joguinho sórdido”), é como se uma luta corporal com um porco se instaurasse. A comparação da figura do porco com a do homem e a da cena de manipulação com a de uma briga no chiqueiro tem a provável intenção de despertar sentimentos diversos na leitora, tais como nojo, repulsa, raiva, os quais podem conduzi-la a ouvir os conselhos da autora e a não se permitir entrar nos “joguinhos sórdidos” masculinos, assumindo sua postura “poderosa”.

Por fim, voltemos ao processo de racionalização. Conforme o próprio Charaudeau (2008, p. 5-6) pontua, esse processo pode ser materializado também por meio do modo de organização *narrativo* (da mesma forma que a argumentação pode também se manifestar por meio das ordens demonstrativa e explicativa, além da persuasiva, o que nos leva a pensar nos diferentes procedimentos linguísticos e formatos de textos que podem carregar, em si, um propósito de influência). Na obra sob análise, em diversos momentos, Argov se vale de estratégias narrativas para transmitir ou corroborar seus pontos de vista. Cenas de filmes, citações de artistas famosos, pequenas histórias de supostos amigos da autora, prováveis cartas de leitoras: todos esses gêneros acabam por colaborar, de maneira ou outra, para o projeto argumentativo do livro. A seguir, um exemplo, dentre os incontáveis percebidos na obra:

No filme *Closer – Perto demais*, Natalie Portman pergunta a Jude Law por que ele está tão apaixonado pela fotógrafa, interpretada por Julia Roberts: “Por que ela tem uma carreira de sucesso?” Jude Law responde: “Não. Porque *ela não precisa de mim*.” (ARGOV, 2010, p. 48, *itálicos do autor*).

No excerto escolhido, percebemos que a fala ficcional do personagem de Jude Law é vista como uma voz sensata, que confere autoridade ao que a autora defende; no caso, a autossuficiência feminina é apontada como elemento decisivo para a atração masculina. Por meio dessa breve narração, portanto, Argov traz um toque de leveza e ludicidade à sua obra, ao mesmo tempo em que orienta argumentativamente suas leitoras.

## 2.2 Contribuições da Lógica Natural de Vignaux e Grize à análise argumentativa da obra

Os estudos sobre argumentação transitam, na atualidade, por uma diretriz marcada pelo reconhecimento científico. De acordo com Gutiérrez (2003, p. 46):

Dos razones explican este renovado interés: nuestras culturas ya no reconocen verdades o valores absolutos y se han convertido en gigantescos “mercados simbólicos”, dónde las más diversas y encontradas propuestas ideológicas compiten entre sí para mantener o conquistar adherentes. Además, nuestras sociedades son invadidas por los medios de comunicación. Éstos se caracterizan por desarrollar una peculiar retórica publicitaria que combina en diferentes proporciones la argumentación con las técnicas de manipulación y seducción.<sup>13</sup>

Frente a essa simbologia generalizada que tende a impor não só bens de consumo, mas também visões de mundo e modelos de comportamento, faz-se necessário aprimorar o pensamento crítico, com o propósito de criar mecanismos que balanceiem “el discurso del poder y el poder del discurso” (GUTIÉRREZ, 2003, p. 47). Essa máxima encontra ressonância no *corpus* deste artigo, uma vez que Argov caracteriza o sucesso feminino pelo *ethos* da mulher “poderosa”, que é recriada, nas páginas do livro, pelo discurso de poder da escritora, que terceiriza o seu saber, conferindo ao seu enunciador o poder do discurso. Nesse contexto, a autora americana traduz a sua publicação como uma receita para o êxito amoroso, resumindo suas prescrições em setenta e cinco princípios de relacionamento (ARGOV, 2010, p. 251-271), que garantiriam à leitora a conquista do ser amado.

Essa célere digressão acerca do poder nos mostra que a argumentação está ligada a uma lógica, construída pela língua natural, que está associada a um mundo de valores e crenças. Dessa forma, ao nos debruçarmos brevemente, agora, sobre a Lógica Natural de Grize e os processos de esquematização de Vignaux, não pretendemos traçar apenas um panorama teórico, mas sim estabelecer relações entre o que é dito nas esferas científicas e o que é vislumbrado na prática cotidiana, partindo de uma importante premissa:

---

<sup>13</sup> Tradução livre das autoras: “Duas razões explicam este interesse renovado: nossas culturas já não reconhecem verdades ou valores absolutos e se converteram em gigantescos ‘mercados simbólicos’, onde as mais diversas e encontradas propostas ideológicas competem entre si para manter ou conquistar adeptos. Além disso, nossas sociedades são invadidas pelos meios de comunicação. Estes se caracterizam por desenvolver uma peculiar retórica publicitária que combina em diferentes proporções a argumentação com as técnicas de manipulação e sedução”.

[...] el análisis de la argumentación debe tener como fin no sólo descubrir las cadenas de razonamiento a través de las cuales el orador construye una argumentación, sino también descubrir o descifrar los valores a los cuales hace referencia y, por lo tanto, la ideología en la que está sustentada (GUTIÉRREZ, 2003, p. 48)<sup>14</sup>.

Segundo Michel de Montaigne, “a palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a escuta.” Tal aforismo vai ao encontro dos dizeres de Vignaux, que entende esses fios dialógicos como parte do engendramento discursivo. Calcado em uma proposta teórica que se ergue a partir do tripé cognição-enunciação-argumentação, Georges Vignaux (1988) propõe um estudo hibridizador, mesclando esses três domínios, que se arrematam. Nasce, então, o Modelo Cognitivo da Argumentação(MCA), no qual o teórico toma o discurso como um todo forjado por um quadro de estratégias linguístico-cognitivas manejadas por um sujeito que age na/pela língua. Nessa perspectiva, a linguagem parece compor não só “um ‘sistema’ portador de normas, mas também de manipulações dessas regras, umas impostas (a gramática, a sintaxe), e outras oferecidas à liberdade de cada um, conforme o discurso que se deseja produzir” (VIGNAUX, 1988, p. 6). Desse modo, para o escritor supradito, “argumentar é defender um ponto de vista, ou melhor, é escolher as palavras apropriadas e organizá-las discursivamente com a intenção de convencer e de persuadir um interlocutor” (MASSMANN, 2010, p. 107). Feita essa concisa apresentação sobre a teoria elaborada por Vignaux, passaremos, nos próximos parágrafos, à análise de trechos de *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?*, em um primeiro momento, sob o viés teórico desse estudioso, e, posteriormente, sob o bojo teórico de Grize.

Para Vignaux, os processos de *representação* e de *esquematização* estão imbricados na produção do discurso argumentativo. A representação, tal qual descreve Massmann (2010, p. 110), constitui “um modo de estruturação e de desenvolvimento dos conhecimentos de mundo”. Essa é uma noção que é “indissociável daquela de ‘comunicação’ no sentido de ‘ação simbólica’ sobre o mundo e sobre *outrem*” (VIGNAUX, 1988, p. 207). Nesse sentido, construir a *representação* de um objeto significa então “figurar de forma estruturada uma certa ‘ideia’ ou ‘forma’ (desse objeto que está sendo representado), de forma a poder, em seguida, memorizá-lo, manipulá-lo, evocá-lo, transmiti-lo” (VIGNAUX, 1988, p. 206-207). Ao passo que uma *representação* é construída, constrói-se também uma *esquematização*, isto é, uma figura reduzida do mundo.

---

<sup>14</sup> Tradução livre das autoras: “[...] a análise da argumentação deve ter como objetivo não somente descobrir as cadeias de raciocínio por meio das quais o orador constrói uma argumentação, mas também descobrir ou decifrar os valores aos quais faz referência, e, portanto, a ideologia em que está sustentada”.

A partir dos fundamentos estabelecidos por Vignaux, interessa-nos a forma como sujeito e discurso são arrolados no texto de Argov. Percebemos, logo na seção “agradecimentos” do livro estudado, certas seleções fraseológicas que remetem a representações e esquematizações, condizentes com o sujeito e o discurso fabricados na obra. Passemos a um excerto passível de ser analisado:

Obviamente, quero agradecer aos dois homens da minha vida: **meu querido noivo** e meu gatinho de estimação. [...] Agradeço a Michelle De Nicola, por estar disposta a sobreviver a seu medo do público e aparecer comigo na televisão como “exemplo de mulher poderosa”. **Parabéns pelas núpcias** (ARGOV, 2010, p. 14, grifos nossos).

Na passagem anterior, a argumentação é visualizada por meio da representação pessoal do mundo recriada por Argov. A autora americana, com seu discurso, “[...] tem pretensão e ambição de se apresentar como ‘micro-mundo’ de sentido, ‘esquemmatizando’ uma representação determinada, conforme os procedimentos de elaboração que testemunham o emprego de processos essenciais às nossas cognições” (VIGNAUX, 1988, p. 197). Nesse caso, Argov se vale de certas representações para criar um discurso que, ao ser apresentado ao interlocutor, dá a ver uma imagem da realidade. Em outras palavras, a escritora realiza um ato semiótico, por meio do qual o sujeito, instaurado no discurso, anuncia-se como uma “narradora-personagem” que aplica suas teorias à sua vida, o que pode ser comprovado pelo seu estado civil (noiva), e que possibilita aos outros, no caso à Michelle De Nicola, também ter acesso a essa fórmula mágica, alcançando, da mesma forma, a “felicidade plena”, figuratizada pelas núpcias. Nessa perspectiva, a autora “compreende que toda a argumentação, ao expor um ponto de vista, uma opinião ou uma tese, expressa uma visão de mundo pessoal, um modo subjetivo de perceber a realidade e de enunciá-la” (MASSMANN, 2010, p. 108). Findada essa análise, ainda que ligeira, de alguns pressupostos argumentativos para Vignaux, introduziremos, a seguir, o estudo do nosso *corpus* por uma perspectiva teórica igualmente valiosa: a de Jean-Blaise Grize.

Considerado um dos expoentes teóricos da contemporaneidade, Grize ocupa hoje um espaço privilegiado na história do pensamento crítico, por ter contribuído, de forma profícua, com os estudos sobre lógica e argumentação. Alguns motivos, partilhados com Gutiérrez, esclarecem a escolha pelos construtos elaborados por Grize:

Algunas de las razones por las que he elegido, entre los enfoques existentes para el análisis argumentativo, la propuesta de Jean-Blaise Grize (1982, 1990), líder de lo que se ha denominado la escuela constructivista de la argumentación, es que, a mi parecer, esta propuesta es la más global y coherente, tiene más capacidad explicativa y analítica y, además, está elaborada en función de criterios lógico discursivos (GUTIÉRREZ, 2003, p. 52)<sup>15</sup>.

Ao presente trabalho, toca a discussão sobre os preceitos de Grize instaurados no capítulo “Le point de vue de la logique naturelle: démontrer, prouver, argumenter” (2004), sobretudo àqueles relativos ao fenômeno da *éclairage*. Convém, antes, situar o leitor deste artigo com relação a alguns conceitos, tais como o de Lógica Natural, o de esquematização, o de pré-construídos e o de *éclairage*. A base da concepção da teoria da “lógica natural da linguagem” se ergue na seara dos estudos de Piaget, mais precisamente sobre a ideia de “lógica operatória”. Essa lógica (operatória) difere-se das lógicas matemáticas, edificadas em um sistema hipotético-dedutivo. A Lógica Natural, ao contrário, “no es una de ‘todos los mundos posibles’, sino una lógica de la verosimilitud, de carácter restringido y local, en la medida que incluye necesariamente la situación en que se hallan inmersos los interlocutores” (GUTIÉRREZ, 2003, p. 52)<sup>16</sup>. Assim, para Grize, ao construir um discurso, o sujeito dá vida a um microuniverso, denominado esquematização. Esta se delinea em função de um dado auditório, que se encontra ancorado em pré-construídos culturais e situacionais, que são iluminados, ou seja, colocados em evidência pela *éclairage*. Efetuada essa sumária contextualização teórica, caminharemos para uma análise do objeto de estudo deste trabalho: o livro de Argov.

A produção de Sherry Argov comporta um estudo fértil sobre como as concepções, definidas no parágrafo anterior, a saber, esquematização, pré-construídos e *éclairage*, são vislumbradas na esfera pragmática. A esquematização é uma produção essencialmente dialógica cujo resultado é a produção de um micro-universo formado pela língua natural. Nesse plano, Argov, a oradora real, constrói uma representação de si mesma e do seu auditório a fim de fazer com que seu alocutário adote certas atitudes relativas ao objeto tratado em seu livro. De forma sintética, a escritora produz uma imagem de si (de mulher poderosa, leia-se bem-sucedida amorosamente) em função de seu público (mulheres

---

<sup>15</sup>Tradução livre das autoras: “Algunas das razões pelas quais escolhi, entre os enfoques existentes para a análise argumentativa, a proposta de Jean-Blaise Grize (1982, 1990), líder do que se denominou a escola construtivista da argumentação, é que, a meu ver, esta proposta é mais global e coerente, tem mais capacidade explicativa e analítica e, além disso, está elaborada em função de critério lógico discursivos”.

<sup>16</sup>Tradução livre das autoras: “[...] não é uma ‘de todos os mundos possíveis’, mas sim uma lógica da verossimilhança, de caráter restringido e local, na medida em que inclui necessariamente a situação em que se encontram imersos os interlocutores”.

consumidoras de livros de autoajuda) com o intuito de influenciar o alocutário que deriva da leitura do *best-seller* focalizado, conforme já detalhamos na seção anterior. Nessa conjectura, não interessa o que é verdadeiro, mas sim o que é verossímil, daí o esforço de Argov em assegurar a credibilidade do que afirma discursivamente, seja por meio da exemplificação de casos amorosos vividos por seus amigos, seja por um discurso de autoridade. Nesse ponto, o locutor do texto de Argov elaborará o seu pré-construído de acordo com seu objetivo: convencer o alocutário da eficácia do seu dizer. Nesse contexto,

[...] uno se encuentra en presencia de um doble mecanismo que es posible describir en términos de asimilación y acomodación. Por un lado, en efecto, los objetos retenidos deben ser integrados en los esquemas preexistentes, es decir, en el sentido de preconstruidos. Por outro, deben ser acomodados a las representaciones que el locutor hace de su auditorio y de su objetivo (GUTIÉRREZ, 2003, p. 54)<sup>17</sup>.

Voltamos, então, ao que foi apontado no início desta seção, a preconização de uma análise argumentativa engajada no estudo da ideologia que rege os discursos. Nesse panorama, é por meio da *éclairage* que o ponto de vista do locutor é vislumbrado e, portanto, a ideologia que o sustenta também. Nessa perspectiva, Grize se ampara na seguinte afirmativa:

Les objets du discours doivent être éclairés, ce qui revient à mettre en évidence quelques-unes de leurs facettes et à en occulter d'autres et tout éclairage colore ce qu'il illumine, ce qui découle du fait qu'il se sert des préconstruits culturels qui ne sont jamais neutres. Chacun d'eux se situe sur un axe euphorique-dysphorique qui appartient au destinataire (GRIZE, 2004, p. 42)<sup>18</sup>.

Dessa forma, Grize sanciona que qualquer “iluminação” colore o que ilumina, e isso decorre do fato de se servir de pré-construídos culturais que nunca são neutros. A “iluminação”, no livro de Argov, repousa na escolha das palavras e da sintaxe, nas operações de referência e predicação ou em operações de determinação que produzem um conteúdo de

---

<sup>17</sup>Tradução livre das autoras: “[...]encontra-se na presença de um duplo mecanismo que pode ser descrito em termos de assimilação e acomodação. Por um lado, de fato, os objetos retidos devem ser integrados nos esquemas pré-existentes, ou seja, no sentido de pré-construídos. Por outro, devem ser acomodados às representações que o locutor faz de seu auditório e de seu objetivo”.

<sup>18</sup> Tradução livre das autoras: “Os objetos do discurso devem ser iluminados, o que acaba por colocar em evidência algumas de suas facetas e por ocultar outras, e toda iluminação dá cores ao que ilumina, o que decorre do fato de que se serve de pré-construídos culturais que não são jamais neutros. Cada um deles se situa sobre um eixo eufórico-difórico que pertence ao destinatário”.

juízo. Assim, a *éclairage* evidencia determinadas facetas do discurso e escurece outras, revelando os valores do locutor, que molda o seu falar em um jogo de luz e sombra. Essa dicotomia claro/escuro é encontrada em vários pontos do livro de Argov (o que pode ser percebido em exemplos já citados na seção anterior e nesta), mas optamos, neste momento, por analisá-la na capa da obra. Nesta<sup>19</sup>, temos acesso à imagem de uma perna feminina, adornada com uma cinta-liga e um salto alto, em contraponto à figura de um homem, trajado de terno, segurando uma aliança. O que torna essa representação peculiar é o fato de a perna feminina ser amplamente maior que a alegoria masculina. Essa simples exemplificação incorpora o fenômeno da “iluminação” proposto por Grize, uma vez que obscurece a figuratização masculina e clareia a ilustração feminina, revelando a ideologia existente na publicação de Argov, que reside no juízo de valor que aloca as mulheres “poderosas” em um nível superior ao dos homens – já que eles se “renderão” a elas e lhes pedirão em casamento.

### 3 Considerações finais

O presente artigo pretendeu efetuar, ainda que de maneira bastante breve, uma análise argumentativa de alguns trechos da obra de autoajuda feminina *Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?*. Filiando a argumentação a uma problemática retórico-discursiva da influência, segundo a proposta de Charaudeau, e utilizando contribuições da Lógica Natural de Grize e Vignaux, procuramos identificar a execução do projeto argumentativo da autora, que tem o intuito de convencer sua possível leitora a adotar os comportamentos e falas prescritos por ela, para que, finalmente, aquela atinja o sucesso em suas relações afetivas.

A nosso ver, Argov, ao reforçar claramente a dicotomia *homens racionais e mulheres passionais*, acaba não somente por ir na contramão de seu projeto editorial diferencial (“Este livro está aqui para desafiar as convenções [...]”), como também parece querer induzir sua leitora a ser uma mulher mais uma vez submissa ao modelo de mundo masculino, por meio do apagamento de seus traços emocionais *teoricamente* femininos, e não uma mulher efetivamente “poderosa”. A nosso ver, essa não seria uma postura de afirmação da mulher; pelo contrário, seria um comportamento de reforço à sociedade que enxerga o homem como parâmetro de racionalidade e controle – portanto, superior – e à sociedade que insiste em enxergar razão e emoção como parâmetros excludentes e não conciliáveis. Dessa forma, para a autora, “controlar” as emoções e deixar que a razão “governe” o ser humano seria o melhor

---

<sup>19</sup> Vide anexo.

não somente para o indivíduo mulher como para suas relações sociais, ponto de vista do qual este artigo discorda.

Estudos contemporâneos recolocam as emoções em um lugar fundamental na argumentação, mostrando que elas podem ter um componente racional quando se manifestam a propósito de algo<sup>20</sup>. Assim, concordamos com Elster (1995, p. 47), quando este diz que “Não é totalmente verdade que as emoções escapam ao nosso controle”. Elas realmente não parecem escapar dessa forma. Para uma mulher que utiliza as emoções a seu favor, a fim de perseguir um objetivo, inclusive em suas relações afetivas, as paixões acabam por se tornar, até mesmo, uma eficiente arma persuasória. Plantin (2010, p. 57), em seu texto *As razões das emoções*, defende que seria possível até mesmo se “argumentar emoções”, desde que o falante fundasse em razões, no plano da linguagem, um “dever experienciar” – postura que parece ser rechaçada por Sherry Argov em sua obra, já que a norte-americana defende o apagamento de boa parte dos enunciados de emoção da fala da mulher dita “poderosa”.

Acreditamos, assim, que as falas e os comportamentos femininos portadores de emoção podem *sim* possuir eficácia argumentativa, assim como um bom projeto argumentativo não deve ser visto, somente, como uma sequência de raciocínios lógicos e racionais.

## Referências

ARGOV, S. **Por que os homens se casam com as mulheres poderosas?** Um guia para solteiras ou casadas deixarem os homens a seus pés. Tradução de Ana Ban e Patrícia Azeredo. 15. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2010.

CHARAUDEAU, P. L'argumentation dans une problématique de l'influence. In: **Argumentation et analyse du discours**. n. 1. 2008. Disponível em: <<http://aad.revues.org/193>>. Acesso em: 09 jun. 2012.

ELSTER, J. Racionalité, émotions et normes sociales. In: PAPERMAN, P. et RUWEN, Ogien. **La couleur des pensées: sentiments, émotions, intentions**. 1ère éd. Paris: Editions de l'École des hautes études en sciences sociales, 1995.

EMEDIATO, W. L'argumentation dans le discours d'information médiatique. In: **Argumentation & Analyse du Discours**. n. 7. 2011. Disponível em: <<http://aad.revues.org/1209>>. Acesso em: 09 jun. 2012.

GRIZE, J. Le point de vue de la logique naturelle: démontrer, prouver, argumenter. In: DOURY, Marianne; MOIRAND, Sophie. (Orgs.) **L'argumentation aujourd'hui: Positions théoriques em confrontation**. 1ère éd. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

---

<sup>20</sup> Por motivos de extensão, não nos deteremos de forma aprofundada nesse ponto de vista.

GUTIÉRREZ, S. El discurso argumentativo. Una propuesta de análisis. **Revista Del Centro de Ciencias del Lenguaje**, Xochimilco, n. 27, p. 45-66, jan/jun. 2003.

LIMA, H, M, R. **Na tessitura do Processo Penal**: a argumentação no Tribunal do Júri. 2006. 260f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MASSMANN, D. Argumentação: em busca de um conceito. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, n. 26, p. 99-111, jul/dez. 2010.

PLANTIN, C. As razões das emoções. In: **As emoções no discurso**: volume 2.1. ed. Rio de Janeiro: Mercados das Letras, 2010.

VIGNAUX, G. **Le discours acteur du monde**: énonciation, argumentation et cognition. 1ère. éd. Paris: Ophrys, 1988.

VIGNAUX, G. Une approche cognitive de l'argumentation. In: DOURY, Marianne; MOIRAND, S. (Orgs.) **L'argumentation aujourd'hui**: Positions théoriques em confrontation. 1ère éd. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

Data de recebimento: 16 de março de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.

ANEXO



Reprodução da capa da obra de Argov (2010)